

O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO E A BANDA ESCOLAR: A ATUALIZAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO¹

“MAIS EDUCAÇÃO” PROGRAM AND THE SCHOOL BANDS: UPDATING A TRADITION

Maura Penna²
Eliane Mendes
Alan Araújo Brito
Ian Bandeira Linhares
Olga Renalli Barros
Raquel Dantas Gomes Pereira

RESUMO: Atividades musicais estão presentes de diversas maneiras na educação básica, sendo as bandas escolares frequentes como atividades extracurriculares, configurando um espaço significativo de vivência musical. O Programa Mais Educação oferece atividades educativas para a ampliação da jornada escolar, dentre elas oficinas de música. Tomando como base estudos de caso em escolas públicas da Grande João Pessoa, com uso de observações e entrevistas semiestruturadas, este artigo descreve e analisa práticas educativo-musicais em três bandas do programa. A análise revelou benefícios referentes à socialização dos alunos, disciplina e oportunidade de apresentações. Mostrou ainda uma prática educativa baseada na tradição das bandas, predominantemente não reflexiva. Conclui-se que, como não se relacionam com as propostas pedagógicas das escolas, as bandas do Mais Educação contradizem as propostas do programa de formação humana integral em uma escola de tempo completo.

Palavras-chave: Programa Mais Educação. Bandas Escolares. Educação Integral.

ABSTRACT: Musical activities are present in many different ways in elementary and secondary schools; school bands are a frequent extracurricular activity that provides significant musical experience. The “*Mais Educação*” Program, such as music workshops, offers educational activities to extend the school day. Based on case studies held in public schools of the Greater João Pessoa area, using observations and semi-structured interviews,

¹ Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa *A Música no Programa Mais Educação em Escolas Públicas da Grande João Pessoa*, financiada pelo CNPq através do Edital Universal 14/2013 e desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa *Música, Cultura e Educação* (MUCE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – que investiga esse tema desde 2011 (cf. PENNA, 2011; 2014).

² Todos os autores participam do Grupo de Pesquisa *Música, Cultura e Educação* (MUCE), da UFPB, coordenado pela Profa. Dra. Maura Penna – Professora Adjunto IV do Departamento de Educação Musical. Eliane Mendes é doutoranda e Alan Araújo de Brito mestrando do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPB. Os demais autores são bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFPB), sendo que Raquel Dantas Gomes Pereira já se formou na Licenciatura em Música e atualmente prepara-se para um mestrado em universidade americana. Contatos com a coordenadora do grupo: maurapenna@gmail.com.

this article describes and analyzes educational and musical practices used by three bands from the “*Mais Educação*” Program. The analysis revealed benefits related to the students’ socialization, discipline and opportunities for public performances. It also showed a predominantly non-reflexive educational practice based on bands tradition. Finally, as the bands originated from the *More Education* Program are not linked with the schools’ pedagogical proposals, they contradict the program’s aim of holistic education in a full-time school.

Keywords: “Mais Educação” Program. School Bands. Holistic Education.

INTRODUÇÃO

Seja com caráter curricular ou não, a música tem estado presente nas escolas de educação básica de múltiplas formas. Atualmente, em virtude da alteração estabelecida pela Lei 11.769/2008 (BRASIL, 2008), a obrigatoriedade da música como um conteúdo do ensino de arte, no currículo de todos os níveis da educação básica, já consta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, embora esta determinação legal possa dar margem a diferentes interpretações (cf. PENNA, 2013, p. 62-63). No entanto, afora as possibilidades de inclusão da música no currículo – seja em sua especificidade ou como parte da área de conhecimento Arte –, práticas musicais extracurriculares são correntes nas escolas. Dentre elas, as bandas têm uma significativa presença, como mostra Campos (2008, p. 103), de modo que diversas redes de ensino mantêm projetos de bandas escolares (cf. ERTEL; WOLFFENBÜTTEL, 2015, p. 34). Atualmente, através do Programa Mais Educação, são também promovidas atividades de banda (cf. FLACH; WOLFFENBÜTTEL, 2015, p.72).

Apresentamos, neste artigo, a descrição e análise de práticas educativas e musicais desenvolvidas em bandas escolares através do Mais Educação, tomando como base dados empíricos coletados em estudos de caso em três escolas da Grande João Pessoa / Paraíba: uma escola da rede estadual, localizada no município de Santa Rita – denominada de Escola A –, onde as observações foram realizadas no primeiro semestre de 2014; uma escola da rede municipal de Cabedelo – Escola B –, com coletas realizadas no segundo semestre de 2013; e finalmente uma escola da rede municipal de Bayeux – que chamaremos de Escola C –, com coletas também no segundo semestre de 2013³. Essas

³ A pesquisa de campo esteve a cargo dos bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFPB), Ian Bandeira, Olga Renalli Barros e Raquel Dantas Gomes Pereira.

três escolas apresentavam práticas de banda marcial⁴ em diferentes estágios de desenvolvimento, como foi possível constatar durante as observações realizadas. Desta forma, embora sem a pretensão de generalizar a partir desses casos, os dados coletados permitiram exemplificar formas como a tradição das bandas escolares tem se manifestado no Programa Mais Educação.

Nossa pesquisa desenvolveu-se segundo a proposta de André (2005, p. 23), do estudo de caso do tipo etnográfico, que, dentro da abordagem qualitativa, caracteriza-se como uma “adaptação da etnografia ao estudo de um caso educacional”. A autora destaca, dentre as características do estudo de caso, a *particularidade* e a *descrição* (p. 17-18). A particularidade significa que o caso “em si tem importância, seja pelo que revela sobre o fenômeno, seja pelo que representa”. E a descrição, como produto de um estudo de caso, não apenas focaliza o que acontece ou as práticas desenvolvidas, mas também seus significados para os diversos agentes envolvidos. Dessa forma, em lugar de especular ou generalizar, podemos conhecer situações concretas em sua especificidade. Assim, como estratégia metodológica, o estudo de caso múltiplo ou multicaso, mostrou-se adequado para investigar as práticas educativas e musicais desenvolvidas em bandas escolares promovidas pelo Mais Educação:

Seja em relação ao estudo de um único caso ou de alguns casos – quando, então, pode haver alguma comparação entre os vários casos –, persiste o direcionamento básico da investigação, buscando examinar cada caso em sua particularidade e complexidade, de modo aprofundado e considerando os elementos contextuais. (PENNA, 2015, p. 107)

Nesse quadro, a principal técnica de coleta de dados foi a observação de aulas e ensaios, contando também com a gravação em áudio de momentos de execução musical, para permitir a análise do material sonoro. Buscamos realizar a observação das aulas com continuidade⁵, para que fosse possível tanto acompanhar o processo pedagógico quanto minimizar o conhecido “efeito do observador” (VIANNA, 2007, p. 42). A coleta foi complementada com entrevistas semiestruturadas com os diversos agentes envolvidos na operacionalização do programa, tanto nas redes de ensino – os coordenadores do Mais Educação nas secretarias de educação – quanto nas escolas – diretores, “professores

⁴ Apesar de algumas dessas bandas estarem cadastradas no Mais Educação como oficinas de Percussão, levamos em conta, em nossa análise, as características das práticas desenvolvidas.

⁵ Entretanto, fatores relativos à própria operacionalização do programa ou ao cotidiano escolar afetavam as coletas. Assim, por vezes, mesmo com uma permanência por tempo adequado em campo, não foi possível alcançar o número planejado de oito observações seguidas.

comunitários” (coordenadores do programa nas unidades escolares) e os monitores responsáveis pelas oficinas de música. Foram utilizadas, ainda, fontes bibliográficas e documentais, destacando-se os documentos oficiais do próprio programa (como BRASIL, 2009a, 2009b, 2009c, 2013a, 2013b e 2014).

Assumindo o caráter descritivo e interpretativo da pesquisa qualitativa – e especificamente do estudo de caso etnográfico –, a análise procurou entrecruzar as diversas fontes de dados, com vistas a uma compreensão profunda dos fenômenos estudados em sua particularidade. Buscamos uma descrição densa, caracterizada pelo “esforço de articulação entre fatos, o envolvimento na lógica de sua organização”, o que implica que “a atividade fundamental do pesquisador seja a interpretação/reinterpretação dos acontecimentos” (TURA, 2011, p. 189-190).

O MAIS EDUCAÇÃO E A EXPANSÃO DA JORNADA ESCOLAR

Desenvolvido pelo Ministério da Educação em parceria com estados e municípios, o Programa Mais Educação relaciona-se com determinações já presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, que estabelece, em seu Art. 34, a progressiva ampliação do “período de permanência na escola” (BRASIL, 1996). Atualmente, esta proposta é reforçada pela meta seis do Plano Nacional de Educação (PNE) para o período de 2014-2024⁶, que estabelece o compromisso de “oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos(as) alunos(as) da educação básica” (BRASIL, 2014).

Nesse quadro, o Mais Educação “materializa a inclusão da Educação Integral e em tempo integral na agenda de políticas educacionais do governo brasileiro” (LECLERC; MOLL, 2012, p. 95). Através do programa, são oferecidas “atividades que expandam o horizonte formativo dos estudantes” (p. 96) – dentre as quais estão incluídas, no macrocampo de *Cultura, Artes e Educação Patrimonial*, diversas atividades musicais⁷.

⁶ Como mostra Moll (2014, p. 372-373), o PNE foi proposto pelo Ministério da Educação no final do ano de 2010 e aprovado apenas em 25 de junho de 2014 (como Lei nº 13.005), apresentando dez diretrizes e 20 metas (com inúmeras estratégias) para balizar a educação brasileira nos dez anos seguintes. O longo período de debates revelou o “confronto de interesses que expressam visões de Estado e de políticas educacionais muito distintas para o Brasil”.

⁷ Para a relação dos macrocampos e atividades do Mais Educação na ocasião de nossas coletas, ver BRASIL (2013b, p. 5-7).

Tais atividades estão a cargo de monitores que, nos termos do programa, são voluntários, recebendo apenas um ressarcimento por despesas de transporte e alimentação, calculado em função do número de turmas sob sua responsabilidade (BRASIL, 2014, p. 18-19).

A implantação do Mais Educação teve início em 2008, em 1.380 escolas, do Distrito Federal e de 25 estados (MOLL, 2012, p. 133-134). O programa rapidamente se expandiu pelo país, envolvendo um grande montante de recursos: “com a articulação de todos os estados brasileiros e quase 5.000 municípios, chegou, [... até] 2013, a 50.000 escolas⁸ com autonomia para a construção de projetos através do Programa Dinheiro Direto na Escola” (MOLL, 2014, p. 373).

Paralelamente à expansão do programa, que inclusive estabelecia parcerias com universidades (LECLERC; MOLL, 2012, p. 106), o Mais Educação tornou-se objeto de estudos em diversos níveis acadêmicos. Em levantamento bibliográfico sobre o tema, destacam-se as pesquisas de Mosna (2014), que avalia a implantação do programa na rede estadual do Rio Grande do Sul, e de Moreira (2013), que faz uma análise das relações estabelecidas entre o Mais Educação e o currículo formal da escola. Entretanto, enfocando especificamente as atividades musicais promovidas pelo programa, além da produção de nosso grupo de pesquisa⁹, encontramos os textos de Sobczack (2013), Souza (2013), Pereira (2014), Silva (2014), Barbosa (2015), além dos relatos de experiências de Gonçalves (2015) e Fernandes e Severo (2015), apresentados em congresso da área de educação musical. Tais trabalhos, enquanto relatos de experiência ou pesquisas em nível de graduação ou especialização, apesar de permitirem conhecer práticas do Mais Educação em diversos estados do país, por vezes carecem de consistência metodológica e/ou não alcançam um maior aprofundamento analítico.

Documentos do próprio programa (especialmente BRASIL, 2009a), assim como textos produzidos por participantes da coordenação nacional (como MOLL, 2012) enfatizam o vínculo do Mais Educação com a educação integral e “seu papel como política positiva para enfrentamento das desigualdades sociais e, conseqüentemente, das desigualdades educacionais” (LECLERC; MOLL, 2012, p. 97). Pretende-se, assim, que o

⁸ Conforme notícia do Centro de Referências em Educação Integral, no ano de 2015 mais de 60 mil escolas participavam do programa em todo o país (CENTRO DE REFERÊNCIAS..., 2015). No entanto, principalmente a partir do 2º semestre de 2014, atrasos no recebimento das verbas do programa afetaram o desenvolvimento das ações planejadas, enquanto no final de março de 2016 o Ministro da Educação anunciou o redirecionamento do Mais Educação: o programa seria reformulado, visando atender, prioritariamente, às 26 mil escolas que apresentavam graves problemas de alfabetização e letramento (cf. CENTRO DE REFERÊNCIAS..., 2016)

⁹ A respeito, ver Penna (2011, 2014), Penna et al. (2015), dentre outros.

programa não apenas atue na promoção de atividades extracurriculares para ampliar a jornada escolar, mas que tenha um papel indutor da educação integral, levando a “uma educação de tempo completo e de formação humana integral” (MOLL, 2014, p. 374).

Nesse sentido, espera-se que o Programa Mais Educação seja capaz de incentivar a redefinição das práticas escolares, levando à superação das divisões entre atividades curriculares e extracurriculares, entre turno e contraturno, para a construção, em cada escola, de uma proposta pedagógica que articule as diversas atividades em um projeto global de educação integral, em que as várias dimensões da formação humana sejam contempladas no processo educativo.

Contudo, tanto os estudos desenvolvidos por nosso grupo de pesquisa – focalizando especificamente as práticas educativas em música (cf. PENNA, 2014, p. 93-94) – quanto por outros pesquisadores (MOREIRA, 2013, p. 130; MOSNA, 2014, p. 181; 196) apontam que as mudanças curriculares propostas pelo programa pouco acontecem, pois, em geral, as atividades do Mais Educação não se integram ao projeto pedagógico das escolas.

AS BANDAS ESCOLARES E SUA TRADIÇÃO

Historicamente, as bandas de música têm estado presentes na sociedade brasileira, com importantes papéis. Evidência disso é o *Projeto Bandas de Música* da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), que existe há mais de 40 anos, apoiando bandas por todo o Brasil (BRASIL, 2010)¹⁰

Documentos paulistas que datam do ano de 1554 já informavam a existência de bandas em nosso território, registrando a existência de uma possível banda formada por um grupo indígena catequizado (MOREIRA, 2007, p. 30). No Brasil colônia, segundo Campos (2008, p. 105), as bandas apresentavam, no século XVIII, duas ramificações: bandas organizadas por irmandades (onde os músicos tocavam em troca do aprendizado musical) e bandas de fazenda (organizadas por senhores de engenho, onde os músicos tocavam em troca de sustento). Era com a contribuição dos senhores de engenho que as bandas se

¹⁰ O *Projeto Bandas de música* foi criado em 1976, um ano após a fundação da FUNARTE. Esse projeto mantém um cadastro nacional de bandas, promove a compra de instrumentos e disponibiliza material didático e de repertório (partituras). Além disso, realiza com certa regularidade, os Painéis Funarte de Banda de Música, em várias regiões do país, oferecendo cursos intensivos e propiciando o intercâmbio artístico (BRASIL, 2010).

apresentavam nos grandes centros, atraindo um número de pessoas cada vez maior, que nelas viam uma oportunidade única de acesso à música instrumental.

Com a vinda de D. João VI para o Brasil, em 1808, chegam também as bandas militares, junto com a corte portuguesa. Portugal já era conhecido, desde o final do século XV, como centro de cultura musical da Europa, mostrando, assim, sua forte influência na formação de bandas do Brasil (MOREIRA, 2007, p. 31).

Com forte presença a partir do século XIX, as bandas têm desempenhado diversas funções na sociedade brasileira. Elas ajudam a elevar o moral da tropa, no caso das bandas militares, ou alegrar as festas tradicionais e eventos oficiais públicos, como as bandas municipais, muito comuns nas cidades do interior. Ou, ainda, podem ter uma função educativa, como nas bandas e fanfarras escolares, que se configuram como um espaço significativo de vivência e formação musical, sendo bastante influenciadas pelas bandas militares, no que se refere à disciplina e organização, e pelas bandas municipais, quanto às apresentações cívicas e campeonatos que disputam (CAMPOS, 2008; VECCHIA, 2010).

Assim, nas bandas escolares, os estudantes podem ter o primeiro contato com instrumentos e com um repertório que poderá vir a fazer parte de suas preferências musicais. No entanto, essas bandas nem sempre conseguem desenvolver um ensino de música sistemático e, muitas vezes, aspectos como musicalidade e expressão não chegam a ser desenvolvidos consistentemente, devido à ênfase nos ensaios de repertório, necessários para manter as várias apresentações (CAMPOS, 2008, p. 108; CISLAGHI, 2011, p. 65).

Por outro lado, tradicionalmente, as bandas escolares têm exercido importantes papéis no desenvolvimento sociocultural do aluno, o que contribui para a permanência das mesmas e para a importância que lhes é atribuída (MANICA; MANICA; FAN, 2015). Alguns desses papéis são: pertencimento ao grupo, acesso a um instrumento musical (nem sempre fácil para boa parcela da sociedade) e oportunidades de viagens para apresentações. Neste sentido, material pedagógico do próprio programa aponta:

Estar em uma banda significa, dentre outros aspectos [...], criar vínculos a partir da relação que os participantes estabelecem uns com os outros e com a música – baseados na amizade, no reconhecimento, na disciplina e no prazer proporcionado pela prática musical. (BRASIL, [s/d], p. 34)

Entretanto, a ênfase nesses fatores de cunho social por vezes se sobrepõe aos objetivos de desenvolvimento musical, que podem ser até mesmo negligenciados.

Ao classificar as bandas escolares, Lima (2007, p. 22) diferencia dois tipos. A primeira é a fanfarra tradicional, que possui instrumentos de percussão (bumbos, caixas, pratos, surdos) e apenas cornetas em seu naipe de sopro. A segunda é a fanfarra marcial simples, mais utilizada e mais completa, incluindo, além dos instrumentos de percussão, instrumentos de sopro, como tubas, trombones e bombardinos, possibilitando a execução de músicas com melodias e harmonias mais elaboradas. As bandas das Escolas A, B e C não se enquadravam nessa classificação, trabalhando prioritariamente com instrumentos de percussão. Entretanto, optamos por tratá-las como bandas marciais, pela ênfase que davam à marcha e à disciplina.

A respeito das práticas pedagógicas desenvolvidas, Cislaghi (2011, p.74), em sua pesquisa sobre as bandas escolares de São José (SC), relata que o ensino nesse contexto é centrado no professor/regente, na imitação e na aquisição objetiva de conhecimentos específicos – como tocar um instrumento e ler partitura. O conteúdo e o repertório são geralmente trabalhados de forma mecânica, com muitas repetições, o que pode diminuir a concentração e motivação do aluno. Na mesma direção, as bandas do Mais Educação nas Escolas A, B e C reproduziam muitas das práticas tradicionais das bandas escolares, como veremos nos próximos itens.

NA ESCOLA ESTADUAL A, A BANDA INICIA SUA MARCHA

Na Escola A, localizada em Santa Rita, a banda estava em estágio inicial, fazendo apenas quatro meses que o monitor tinha iniciado seu trabalho quando começamos a coleta de dados, que ocorreu entre 6 de maio e 24 de julho de 2014. Devido aos dias de chuva – pois a oficina acontecia em local descoberto – e às faltas do monitor, as observações realizadas foram cinco. As aulas da banda aconteciam às terças-feiras, no turno da manhã, com a participação de alunos com idade entre nove e 13 anos, matriculados nas turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

As aulas observadas consistiam em ensaios, sempre com duração de uma hora e meia, com vinte alunos em forma (termo militar), organizados em quatro filas de cinco pessoas. A estrutura montada tinha quatro trompetes à frente; em seguida, duas caixas e dois repiniques; na terceira linha, quatro pandeirolas; na sequência, quatro pratos, e quatro bumbos na última linha. No entanto, quando a banda começava a ensaiar, os alunos de trompete iam para uma sala estudar, e nunca foi possível observá-los tocando no conjunto.

Como acontece com bandas em estágio inicial, os alunos treinavam muita marcha e postura. Eles marchavam de um lado a outro do pátio, sob o sol, enquanto algum instrumento marcava a pulsação. Entretanto, quando o monitor queria ensaiar um trecho musical, ele passava as partes com a banda parada, pois era perceptível a melhor qualidade sonora, já que, para os alunos, era difícil a coordenação das duas atividades.

Às vezes, alguns alunos participavam da aula sem instrumentos em mãos (quando estavam danificados), ficando o tempo inteiro marchando em formação junto aos outros. Apesar dessa prática rígida, o monitor era muito empenhado e trazia seus próprios instrumentos para substituir algum que estava em falta na escola. Os alunos eram bem disciplinados, sendo controlados com firmeza pelo monitor, que unia à disciplina seus discursos motivacionais. Como ele próprio relatou:

[...] a gente está aqui para dar aula de música, mas a gente precisa formar cidadãos, formar pessoas de bem [...] que seja um ponto inicial, mas que seja uma base bem reforçada para que futuramente eles possam procurar outros caminhos, procurar a universidade. (Monitor da Escola A, entrevista em 17/07/2014)

A prática educativa musical era baseada na repetição, por audição e imitação: o monitor tocava um ritmo no instrumento do aluno e depois pedia-lhe para repetir, fazendo isso com todos. Em seguida, ele tocava o mesmo ritmo em grupos de instrumentos: só os bumbos, depois bumbos e pratos, bumbos e caixas e assim por diante. Também eram feitos exercícios em que o monitor marcava o tempo (pulsação) e os alunos tocavam seus instrumentos em momentos pré-determinados (no primeiro tempo, depois no primeiro e terceiro tempos, etc.). Assim, conseguiam montar algumas sequências rítmicas, que os alunos tocavam em conjunto enquanto marchavam.

Tendo tido sua própria formação em banda escolar, o monitor passou pela Universidade Federal da Paraíba, participando de cursos de extensão em seu instrumento, por indicação de outro regente de banda da mesma rede, com quem estudou ainda criança. Hoje em dia, é ele quem assume esse papel, passando para frente a tradição das bandas escolares no município: "A banda fanfarra é onde tudo começa, onde tudo começou [...] hoje agradeço por ter pego uma fanfarra no início e, ao longo do tempo, essa experiência vem me ajudando a lidar cada vez mais com os alunos" (Monitor da Escola A, entrevista em 17/07/2014).

A BANDA ENSAIA NA ESCOLA B

A coleta de dados na Escola B, da rede municipal de Cabedelo, aconteceu no período de 15 de outubro a 3 de dezembro de 2013, sendo realizadas seis observações de aulas, em sequência. As aulas aconteciam no pátio (coberto), às terças-feiras, das 11:00 às 12:30 horas, entre os turnos das aulas regulares. Os alunos que participavam da banda tinham cerca de 12 anos e a frequência oscilava entre cinco e 20 alunos.

As aulas dessa oficina do Mais Educação eram basicamente um ensaio, utilizando bumbos, caixas, surdos e pratos: o monitor trabalhava com a turma em forma, tocando os instrumentos enquanto marchavam. As atividades consistiam em tocar células rítmicas sobrepostas, com muita marcação de pulsação, para não perderem o ritmo e errarem a marcha. Pudemos observar que tocar sempre em forma e marchando aborrecia alguns alunos, por ser uma prática repetitiva e cansativa.

Os exercícios focavam sempre na pulsação, pois, segundo o monitor, os alunos haviam participado do Desfile de Sete de Setembro e, em muitos momentos, perderam-se no ritmo. Nessa apresentação, também contaram com meninas carregando a bandeira da escola e algumas como balizas, embora sem muita coreografia. O monitor inclusive relatou, como resultado do seu trabalho com a banda: “[os alunos] estão mais unidos... eles até se apresentaram no Sete de Setembro... tudo bem simples, bem básico, mas foi bom para eles começar a levar a sério” (Monitor da Escola B, entrevista em 10/12/2013).

O monitor costumava trabalhar bastante com células rítmicas, principalmente para as caixas. Na primeira aula observada, as caixas executavam uma célula, enquanto os surdos marcavam o primeiro tempo e repetiam a mesma célula ao final do compasso. Os pratos e bumbos marcavam a pulsação, enquanto marchavam e executavam os comandos. O trabalho todo era feito com base na imitação e audição: o monitor não usava partitura e passava os ritmos através do toque do seu instrumento, para os alunos ouvir e imitar. As aulas seguiam sempre esse mesmo padrão.

Os alunos pareciam gostar bastante do monitor, estavam sempre conversando e se divertindo. No entanto, na segunda aula observada, quando o ensaio não fluía bem, o monitor reclamou bastante. Por sua vez, a queixa dos alunos era sobre a repetição quase exaustiva dos exercícios propostos, o que, embora seguisse a tradição das bandas de música, tornava a prática desinteressante. Mas o monitor parecia empenhado em melhorar esse aspecto, pois, na quinta aula, realizou um exercício (que chamou de brincadeira) em que a turma era dividida por grupo de instrumentos e todos marcavam a pulsação. Em

seguida, cada grupo tocava determinada célula rítmica quatro vezes, enquanto os demais continuavam com a pulsação. Os alunos – em número de 20, o máximo visto nas observações – gostaram, empenharam-se e se divertiram bastante! A atividade, inclusive, foi repetida na aula seguinte.

Desde sua infância, o monitor sempre tocou em bandas escolares. Antes de atuar no Mais Educação, sua experiência como educador foi apenas como responsável por um grupo de instrumentos (chefe de naipe). Havia dois anos que ele tinha começado a dar aulas no programa e só havia trabalhado antes em uma única escola. Assim, encontramos em sua prática aspectos tradicionais das bandas escolares, advindos do modelo de sua própria formação musical. Entretanto, ele se mostrava preocupado em propor outros tipos de exercícios que envolvessem mais os alunos, o que revelava sua capacidade de adaptação e seu empenho.

NA ESCOLA C, A BANDA TOCA!

A Banda da Escola Municipal C, localizada na cidade de Bayeux, trabalhava em um pátio coberto dentro da escola, englobando alunos da primeira etapa do ensino fundamental até a Educação de Jovens e Adultos. As aulas da oficina consistiam em ensaios da banda, que aconteciam duas vezes por semana (diferentemente das outras escolas), em horário alternativo, entre os turnos (das 17:00 às 18:30 horas), para não atrapalhar as outras aulas. O número de alunos variava entre 12 e 18 por ensaio, e a faixa etária estendia-se dos sete aos 20 anos. Os dados foram coletados por meio de sete observações, realizadas no período de 23 de setembro a 30 de outubro de 2013.

Um diferencial era que, na coordenação do Mais Educação nessa rede de ensino, havia também um coordenador específico de música, que prestava assistência aos monitores. Também a Escola C apresentava algumas particularidades, como o fato de a banda contar com dois monitores – um titular e outro auxiliar. O grupo já era mais experiente e não necessitava tanto de trabalhar a marcha, de modo que os alunos se organizavam em círculo durante os ensaios observados. Apesar dessa formação, o caráter disciplinador da tradição das bandas era constantemente reforçado pelos monitores.

A banda era formada por diversos instrumentos de percussão, mas também eram utilizados instrumentos de sopro, como trombones e trompetes. No entanto, nesses instrumentos os alunos tocavam apenas notas longas, em linhas simples, sendo as melodias

usualmente executadas pelos monitores, que tocavam trompete, por vezes a duas vozes. Assim, a banda executava arranjos com um bom resultado sonoro e musical, com um repertório variado. O grupo trabalhava músicas que iam de *Meu Sublime Torrão* – hino popular da cidade de João Pessoa –, passando pelo *Hino Nacional Brasileiro*, até músicas internacionais – como *It's Raining Men*; *Saturday Night Fever* –, abrangendo ainda gêneros populares, como o axé – da música *Poeira* – e o funk, com *Show das Poderosas*. Além disso, em função de datas comemorativas, também foram trabalhadas rapidamente canções natalinas – como *Anoiteceu*; *Noite Feliz* e *Sinos de Belém*. Grande parte do repertório escolhido era sugerida pelos monitores, mas já se abria um certo espaço para a vivência cultural dos alunos.

O monitor titular teve uma formação acadêmica progressiva, com cursos de extensão em Música e curso técnico em Regência, e estava ainda se graduando em Pedagogia. Trabalhava como trompetista e arranjador, inclusive com participações em gravações e grupos musicais. Já o monitor auxiliar tocava em bandas desde criança, tendo participado de alguns cursos de música com o monitor titular, do qual foi aluno. Os monitores não pareciam se preocupar em fazer um planejamento das aulas, tendo como objetivo principal a participação em eventos e encontros de bandas do município, onde era forte essa tradição. No período das observações, foram realizadas uma apresentação no mês de setembro, em um encontro de bandas, e outra em outubro, nas comemorações do Dia das Crianças. Sendo bastante exigentes na preparação para essas apresentações, os monitores chegavam a recusar alguns convites, quando achavam que o grupo não estava bem preparado.

Algumas vezes, durante os ensaios observados, a banda não estava tão afinada e tinha problemas de postura, emissão sonora correta, entre outros pontos, o que deixava os monitores insatisfeitos. No entanto, pudemos observar que não havia uma preocupação com o processo pedagógico, reforçando-se a concepção de que o próprio aluno era responsável por seu mau desempenho. Dessa forma, parecia não haver uma postura reflexiva sobre as práticas educativas, o que dificultava encontrar alternativas metodológicas para a resolução desses problemas.

A ATUALIZAÇÃO DA TRADIÇÃO NAS BANDAS DO MAIS EDUCAÇÃO

Como a descrição das práticas das bandas das três escolas deixou claro, todas elas se apoiavam na tradição das bandas escolares, que foram, inclusive, o contexto de formação musical de quase todos os monitores. Da mesma forma que muitos regentes de bandas (municipais ou militares), eles não tiveram uma formação acadêmica como professores de música, apesar de estarem atuando dentro de um projeto com clara finalidade educativa. Em relação ao Mais Educação, especificamente, muitas vezes os monitores revelaram nas entrevistas que desconheciam as propostas de educação integral do programa, com as quais, portanto, não se preocupavam.

Reencontramos nas bandas analisadas uma prática musical repetitiva, por vezes quase mecânica, revelando um ensino que se baseava nos modelos tradicionais. Assim, em grande medida, os monitores ensinavam como foram ensinados, ensaiavam como se fazia nas bandas de suas vivências. Por um lado, já que não tiveram uma formação pedagógica específica, isso dava sustentação às suas práticas, ajudando-os a alcançar resultados e a contribuir para o desenvolvimento musical de seus alunos. Consideramos que tornar o aluno capaz de uma prática musical coletiva, mesmo que marcada por certas limitações, já configurava o desenvolvimento dos estudantes e um aspecto positivo da prática educativa realizada. Pois, em outros contextos pesquisados, por vezes valia “fazer qualquer coisa”, mesmo sem um maior desenvolvimento do aluno, contanto que, numa postura marcadamente assistencialista, se fosse capaz de mantê-lo ocupado, para “tirá-lo da rua” (PENNA, 2014; PENNA; BARROS; MELLO, 2012).

No entanto, se a tradição dava um rumo para a atuação dos monitores, ela provavelmente também inibia uma postura reflexiva, que, com base na observação e questionamento das situações educativas, possibilitaria a construção de alternativas a partir da própria prática pedagógica (NÓVOA, 2002, p. 37). Neste sentido, para mudanças que pudessem considerar a vivência dos alunos, a reflexão seria, a nosso ver, indispensável:

Entendemos ser a atividade reflexiva que sustenta a construção de caminhos que partem das experiências musicais dos alunos, o que exige necessariamente entrar em contato com a turma, procurar conhecer suas vivências fora da sala de aula, observar suas reações e interesses. (PENNA, 2010, p. 29)

Contudo, tanto os padrões rítmicos explorados nas aulas quanto o repertório das bandas analisadas eram, em sua maioria, tributários da tradição, embora já houvesse alguma abertura – pouco encontrada nas pesquisas de nosso grupo (PENNA et al., 2015) – para músicas da vivência do aluno, como a inclusão de um axé e um funk no repertório da

banda da Escola C. No entanto, isso não acontecia sem resistência ou sem conflito, na medida em que, durante um ensaio do funk *Show das Poderosas*, quando os alunos erraram a entrada, o monitor titular reclamou, comentando com ironia: “Se vocês soubessem o amor que eu tenho por essa música... Pensem! Eu só vou botar essa música por causa de vocês” (PENNA, 2014, p. 93).

Entretanto, se a postura reflexiva não estava tão clara, vale ressaltar que a tradição era reapropriada conforme o contexto com que se trabalhava – sendo nesta medida, portanto, atualizada. Dessa forma, nas três bandas estudadas, observamos uma prática pedagógica e musical que se baseava apenas na repetição por audição, em oposição à tradição de muitas bandas de pequenas cidades, nas quais “os integrantes do grupo tocam lendo partitura” (COSTA, 2008, p. 34). No entanto, também encontramos bandas do Mais Educação nas quais eram trabalhadas a teoria musical e o domínio da notação tradicional, como foi possível observar em outra escola da rede municipal de Cabedelo, pesquisada no 2º semestre de 2014 (BARROS; PENNA, 2015, p. 15-17)¹¹. Por outro lado, em uma banda escolar da rede municipal de Bayeux, a prática desenvolvida por um monitor com formação em música popular era bastante distinta, afastando-se da tradição: os alunos eram incentivados a explorar as sonoridades dos instrumentos e a criar células rítmicas e cadências de forma lúdica (LINHARES; PENNA, 2016).

Ainda vinculada à tradição das bandas, destaca-se a importância atribuída às apresentações, que também foi verificada nas escolas pesquisadas. De modo geral, os alunos sentem-se valorizados e motivados quando têm oportunidade de mostrar o resultado de seu trabalho para a escola ou para a comunidade em geral – especialmente para seus pais e familiares –, como também constatou Mosna (2014, p. 171) em sua pesquisa sobre o Mais Educação em escolas gaúchas. Neste mesmo sentido, o monitor titular da Escola C frisou que “o ponto alto do trabalho é quando há apresentação e as pessoas observam e depois algumas delas procuram [...] saber como faz para participar [da banda]” (Monitor da Escola C, entrevista em 20/11/2013).

Como discutem Penna, Barros e Mello (2012, p. 71), quando o aluno desenvolve habilidades, tornando-se capaz de novas realizações, ao mesmo tempo em que o resultado do trabalho pessoal “pode se tornar visível, valorizado e reconhecido”, todo esse processo fortalece a autoestima e, por outro lado, a capacidade de trabalhar em grupo, o que

¹¹ Infelizmente, nesta coleta não conseguimos um número de observações suficiente para uma análise consistente, porque as atividades foram interrompidas por problemas no repasse de verbas (cf. CENTRO DE REFERÊNCIAS..., 2016)

favorece a socialização e mesmo a disciplina. Os próprios Cadernos Pedagógicos do Mais Educação colocam essas questões em relação a atividades musicais:

Em grupo, os alunos terão uma experiência única, pois, dessa forma, já terão a noção de apresentação em público. O trabalho em grupo permite desenvolver o sentido de respeito ao fazer do próximo, ao espaço do outro, pois o bom desempenho do grupo depende da união de todos. (BRASIL, [s/d], p. 33)

Dessa forma, as apresentações públicas contribuem para que os integrantes das bandas escolares desenvolvam um sentimento coletivo de fazer parte de um grupo e de estar representando a escola perante a sociedade. Assim, por vezes, esperam durante todo o ano, preparando-se para a culminância maior, representada pelos desfiles cívicos – e até mesmo a banda iniciante da Escola A participou do Desfile de Sete de Setembro (de 2014 – após o período de coleta de dados). Tudo isso pode ser exemplificado pela fala da coordenadora pedagógica da Escola A, que relata como os alunos se envolviam com as apresentações, como ficavam felizes quando viam a música saindo de seus instrumentos “e eles é que estavam tocando” (Coordenadora Pedagógica da Escola A, entrevista em 17/07/2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise das três bandas escolares do Programa Mais Educação revelou a força dessa tradição nos municípios da Grande João Pessoa. Trazendo benefícios referentes à socialização dos alunos, disciplina e oportunidade de apresentações, a banda escolar também se mostrou um caminho rumo à profissionalização: os monitores da Escola A e da Escola B (além do monitor auxiliar da Escola C) tiveram sua formação musical nesse contexto, passando a reger outras bandas, ensinando como foram ensinados. No entanto, apesar de desenvolverem uma prática educativa predominantemente não reflexiva, centrada musicalmente nos ensaios de banda, essa tradição era atualizada, na medida em que cada monitor de algum modo ajustava os “modelos” de sua formação aos contextos em que trabalhava.

Nas três escolas pesquisadas, o Mais Educação revelou-se, assim, um espaço em que a tradição das bandas escolares era reativada e, ao mesmo tempo, mantida e renovada – sem, no entanto, articular-se consistentemente com algumas das indicações do programa.

Promovendo a ampliação da jornada e pretendendo ter um caráter indutor da educação integral, o Mais Educação propõe a integração de vivências e saberes, inter-relacionando o currículo formal e as atividades diversificadas do programa, e, ainda, a experiência de vida dos alunos e os saberes da comunidade. Neste sentido:

Tempo integral é condição *sine qua non* para uma educação integral. No entanto, esse tempo ampliado não pode ser “mais do mesmo”, ou seja, não é possível confundir a incorporação ao currículo de algumas atividades de cunho cultural desarticuladas do projeto pedagógico da escola com educação integral. (MOSNA, 2014, p. 223)

Nesse quadro, as bandas do Mais Educação constituíam uma atividade cultural sem vínculo com a proposta pedagógica e sem integração com as outras áreas de conhecimento. Chegavam a ser uma prática separada dos demais tempos e espaços da escola, acontecendo, por vezes, em horários alternativos ou em áreas externas, para não atrapalhar as aulas do currículo formal.

Isso reforça ainda mais a ideia de duas escolas separadas – a regular e a do Mais Educação –, como apontado por Moreira (2013, p. 155) em sua pesquisa, o que contradiz a proposta do programa, que visa a uma formação humana integral em uma escola de tempo completo. Assim, também nos casos estudados, o Mais Educação tem, de fato, promovido apenas a expansão da jornada escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.

BARBOSA, R. R. de O. Ensino coletivo de violão: o perfil do professor, suas metodologias e estratégias organizacionais para o ensino no Programa Mais Educação nas escolas públicas municipais de Manaus. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 25., 2015, Vitória. **Anais....** 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/cyVS8B>> Acesso em: 23 abr. 2016

BARROS, O. R. de N.; PENNA, M. **Oficinas de música do Programa Mais Educação em escolas estaduais da Grande João Pessoa**. João Pessoa: MUCE, 2015. Digitado. (Relatório Final de Pesquisa – PIBIC 2014-2015).

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://goo.gl/snIcQ3>>. Acesso em: 18 abr.2016.

BRASIL. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996...para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: <<http://goo.gl/i0JzRf>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: <<http://goo.gl/Vjd1cG>>. Acesso em: 18 abr.2016.

BRASIL. Fundação Nacional de Artes. **Projeto bandas de música**. Disponível em: <<http://goo.gl/CqsrTK>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação integral**: texto referência para o debate nacional. Brasília: MEC/SECAD, 2009a. Disponível em: <<http://goo.gl/0pjml6>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gestão intersetorial no território**. Brasília: MEC/SECAD, 2009b. Disponível em: <<http://goo.gl/H65aez>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Rede de saberes mais educação**: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral. Brasília: MEC/SECAD, 2009c. Disponível em: <<http://goo.gl/LnzSFJ>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Mais Educação**: passo a passo. [2. ed.] Brasília, 2013a. Disponível em: <<http://goo.gl/1O03fA>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Manual operacional de educação integral**. Brasília: 2013b. Disponível em: <<http://goo.gl/33ouHV>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Manual operacional de educação integral**. Brasília: 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/8cvigN>>. Acesso em 23 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Cadernos pedagógicos Mais Educação**: cultura e artes. Brasília, [s/d]. Disponível em: <<http://goo.gl/mnICwx>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

CAMPOS, N. P. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 19, 103-111, mar. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/QSvN7H>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Mais Educação em debate**: qual o futuro do programa de educação integral? 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/MQgS2V>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **MEC reformula Mais Educação e reduz seu alcance para a 26 mil escolas**. 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/0E32NI>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

CISLAGHI, M. C. A educação musical no Projeto de Bandas e Fanfarras de São José (SC): três estudos de caso. **Revista da ABEM**, n. 25, p. 63-75, jan.-jun. 2011.

COSTA, L. F. N. **Transmissão de saberes musicais na Banda 12 de Dezembro**. 2008. 135f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Música – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

ERTEL, D.H.; WOLFFENBÜTTEL, C. R. A inserção da música nas escolas públicas municipais da região do COREDE do Vale do Rio dos Sinos, RS. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE, 8., 2015, Montenegro/RS. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/2rzuXN>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

FERNANDES, M. de S.; SEVERO, J. S. Programa Mais Educação: um relato de experiência com aulas de música no contraturno In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., Natal, 2015. **Anais...** Natal: Editora da UFRN, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/4ooGyN>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

FLACH, J. T.; WOLFFENBÜTTEL, C. R. A inserção da música em escolas públicas municipais do Rio Grande do Sul: investigando a 3ª Região Funcional de Planejamento do COREDE In: ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE, 8., 2015, Montenegro/RS. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/koKc1Z>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

GONÇALVES, R. M. Música no Programa Mais Educação: diálogos entre a aula de música curricular e as oficinas do PME em uma escola da rede municipal de Florianópolis In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., Natal, 2015. **Anais...** Natal: Editora da UFRN, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/qlHFfi>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

LECLERC, G. F. E.; MOLL, J. Programa Mais Educação: avanços e desafios para uma estratégia indutora da educação integral e em tempo integral. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 45, p. 91-110, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/KO7Z9W>>. Acesso em 23 abr. 2016.

LIMA, M. A. **A banda estudantil em um toque além da música**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

LINHARES, I. B.; PENNA, M.. **Oficinas de música do Programa Mais Educação em escolas públicas da Grande João Pessoa**. João Pessoa: MUCE, 2016. Digitado. (Relatório Parcial de Pesquisa – PIBIC 2015.2).

MANICA, S. S.; MANICA, M. I. S.; FAN, E. L. A educação musical: perspectivas atuais da educação e o papel que as experiências do ensino das bandas de música podem ter neste contexto. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-

GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 25., 2015, Vitória. **Anais....** 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/6pgxP4>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

MOLL, J.. Agenda da educação integral: compromissos para sua consolidação como política pública. In: MOLL, J. (Org.). **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 129-146.

MOLL, J. O PNE e a educação integral: desafios da escola de tempo completo e formação integral. **Retratos da escola**, Brasília, v. 8, n. 15, p. 369-381, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/lsm3p>>. Acesso em 23 abr. 2016.

MOREIRA, M. S. **Aspectos históricos, sociais e pedagógicos nas filarmônicas do Divino e nossa senhora da conceição, do estado de Sergipe**. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical). Programa de Pós-graduação em Música – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/BjjLIw>>. Acesso em 26 abr. 2016.

MOREIRA, S. C. **Programa Mais Educação: uma análise de sua relação com o currículo formal em três escolas de Esteio-RS**. 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/UmyO2Z>>. Acesso em 23 abr. 2015.

MOSNA, R. M. **Avaliação da política pública “Programa Mais Educação” em escolas de ensino fundamental da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul: impactos na qualidade da educação e no financiamento do ensino fundamental**. 2014. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/VNANEz>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PENNA, M. Mr. Holland, o professor de música na educação básica e sua formação. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 18, n. 23, p. 25-33, mar. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/811GkB>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

PENNA, M. Educação musical e educação integral: a música no Programa Mais Educação. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 19, n. 25, p. 141-152, jan.-mar. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/k4Nsu2>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

PENNA, M. A lei 11.769/2008 e a música na educação básica: quadro histórico, perspectivas e desafios. **InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, v. 19, n. 37, p. 53-75, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/d9twSj>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

PENNA, M. Música no Programa Mais Educação: discutindo a diversidade das práticas. **Música Hodie**, Goiânia, v.14 - n. 2, 2014, p. 84-98. Disponível em: <<http://goo.gl/XQrwf3>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

PENNA, M. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PENNA, M.; BARROS, O. R. N. e; MELLO, M. R. de. Educação musical com função social: qualquer prática vale? **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 27, p. 65-78, jan.jun 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/4hV3DY>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

PENNA, M.; MENDES, E.; LINHARES, I. B.; BARROS, O. R. O Canto Coral no Programa Mais Educação: a defasagem entre a proposta e a ação. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., Natal, 2015. **Anais...** Natal: Editora da UFRN, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/R83uIq>>. Acesso em: 12 set. 2015.

PEREIRA, E. J. D. **Oficina de violão no Programa Mais Educação: o envolvimento de três alunos de uma escola regular de Ipatinga -MG**. 2014. 37 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Música a Distância, Universidade de Brasília, Ipatinga, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/Fd40Wu>>. Acesso em: 23 abr. 2016

SILVA, O. C. da. **Perspectivas e desafios para o ensino de música no Programa Mais Educação: um estudo em Natal/RN**. 2014. 13 f. Artigo (Trabalho de conclusão de especialização) – Curso de Especialização em Ensino de Artes na Educação Básica: Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/YmsD5i>>. Acesso em 17 abr. 2014.

SOBCZACK, N. R. **A música abrindo caminhos: oportunidades formativas a partir do Programa Mais Educação**. 2013. 16 f. Artigo (Trabalho de conclusão de especialização) – Curso de Especialização em Educação Integral Integrada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/04e71g>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

SOUZA, S. F. de. **A música e as aprendizagens dos alunos: um estudo em educação integral**. 2013. 17 f. Artigo (Trabalho de conclusão de especialização) – Curso de Especialização em Educação Integral Integrada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/jykcus>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

TURA, M. de L. R. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, R. A. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 183-206.

VECCHIA, F. D. Fatores de motivação na participação dos componentes da Fanfarra Colégio Manoel Novaes – Salvador – BA e suas influências no desempenho musical. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM Nordeste, 9. Natal, 2010. **Anais...** Natal: Editora da UFRN, 2010, p. 01-08. CD-rom.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Liber Livro, 2007.